

Mais uma revista de filosofia?

Andityas Soares de Moura Costa Matos

É a questão mais imediata que talvez possa ser feita diante da emergência da *(Des)troços: revista de pensamento radical*. E como toda pergunta, ela parte da própria pressuposição de uma resposta comportada e previsível, como se o campo do pensamento tivesse que ser dividido em pequenas células a serem ocupadas por um número limitado de orientações bem definidas (hegelianismo, marxismo, pós-estruturalismo etc.) e rigidamente controladas por procedimentos ao mesmo tempo autorreferenciais e simpáticos ao cânone universitário que, antes de tudo, reproduz na maioria das vezes o mesmo. O mesmo e o tédio, para que fique bem claro. Diante desse cenário, a revista que nasce agora se propõe irreverente, e isso no sentido de que não precisa nem deseja prestar reverência a quem quer que seja, ancorada que está em uma positividade do excesso em que o elemento verdadeiramente importante da questão “mais uma revista de filosofia?” não é “revista” nem “filosofia”, e sim “mais”. Um mais que se abre a todas as orientações, a todos os cantos e terras (firmes ou não) e que pretende abrigar em suas páginas textos únicos, em especial textos que seriam ou são recusados pela tradição das colmeias, das caixinhas, dos grupelhos que jamais se comprometeriam com certos *troços*.

Não nos esqueçamos, é claro, que a revista nasce do esforço conjunto de um grupo de pesquisa criado e ativo dentro de uma Universidade Federal, o que para alguns já seria suficiente para tornar vãs as palavras anteriores. Mas não nos percebemos assim, seja pela pluralidade que sempre envolveu nossas investigações, seja pela ausência de um programa formal a determinar os rumos das pesquisas, seja pela liberdade que a ausência de vinculação desta revista a estruturas oficiais nos permite acolher. Evidentemente, a tarefa do pensamento crítico não passa por um ingênuo abandono dos locais institucionais, mas pela sua radicalização, por sua implosão e não explosão, pois esta última só os fortalece. O que propomos é então um local de encontros balizado por certa geografia dos afetos, por certa aposta na potência que, como tudo que é real, parte de um plano dado em que a dimensão da radicalidade se mostra como termômetro mais de uma intensidade do que de uma originalidade; ou melhor: uma intensidade de uma originalidade que se abre a textos e criações gráficas que se mostrem capazes de friccionar os nossos tempos profundamente marcados por processos de subjetivação individualistas e maquinais. Queremos assim publicar troços que lancem mão de estratégias teóricas e/ou estéticas que possam ir ao extremo e não só denunciar, mas principalmente desconstituir, tornar inoperoso, destruir o que separa, oprime, hierarquiza, dualiza, hominiza, embranquece, justifica, julga – em uma palavra: impõe culpa. Para além de todas as políticas identitárias – fatalmente condenadas a ocuparem uma gaveta (das debaixo) nos arquivos de aço dos gabinetes do poder separado –, preferimos ser monstros mutantes que as usam como táticas e preferem enxergar, para além dos *ismos* dos feminismos, socialismos, esquerdismos etc., os elementos incandescentes que lhes deram origem e hoje são objeto de uma campanha de domesticação global que acabará transformando-os em disciplinas obrigatórias em uma Faculdade de Direito qualquer.

É assim que, no primeiro ano da peste que promete se tornar uma condição normal, abrimos o primeiro número da *(Des)troços* com um dossiê voltado para a leitura crítica da pandemia de COVID-19, da qual todos já estamos cansados. Infelizmente o vírus não se cansou e deve continuar a ser objeto de nossa atenção, dado que é a partir dele, como verdade de uma época, que se pode pensar tanto a libertação quanto, o que parece ser mais provável, o aprofundamento das sujeições maquinicas, afinal a pandemia – qualquer pandemia – é profundamente política, é profundamente ligada a esse *dêmos* sem o qual não há política. Daí o título ambíguo do nosso primeiro dossiê, *Pandêmios Politiké*, que será sucedido nas próximas edições por outros que planejamos lançar em momento oportuno e que dirão respeito a temas como o *antropoceno* e seus *filhotes* (viroceno? infoceno?), *as outras vidas* (o animal, o vegetal e o que há entre/além [d]eles), *as gramáticas da precariedade constitutiva*, *as várias desobediências* (civis, incivis, políticas, epistêmicas) etc. Ao **dossiê temático** se somam **artigos de caráter geral**, sempre vinculados aos campos de força da revista que, se não estão descritos com clareza cartesiana aqui ou alhures, vão se mostrando a cada número, além de **resenhas críticas**, **entrevistas** e **traduções** de textos de autoras já consagradas não pelo seu capital acadêmico, mas pela força de seu pensamento, que já terá passado pela prova da realidade e seu enfrentamento, como é o caso neste primeiro número de David Graeber, Toni Negri e Roberto Esposito. Queremos também que nossas capas dialoguem – ou melhor: gritem – com os textos, e nenhuma obra seria melhor para isso agora do que a de Desali, artista mineiro meio Basquiat, meio Banksy, meio ele mesmo. Todas essas seções da revista – capa, dossiê, artigos gerais, resenhas, entrevistas e traduções – estão abertas à colaboração de quem desejar fazê-lo, atendidos os requisitos mínimos de nossa política editorial explicitada ao final destas páginas, eis que, ao contrário do que pensa certa tradição anarquista cândida em seus simplismos, a forma é decisiva, podendo e devendo ser revolucionária.

Apostando que o mundo não acabará com o surgimento da COVID-21, a previsível II Guerra Civil Estadunidense ou o iminente autogolpe de Estado que se planeja em Brasília, entregamos o nosso primeiro conjunto de troços, já devidamente (des)troçados, às comunidades quaisquer que neles se vejam, marcando um próximo encontro lá na segunda edição.